



CONFLITOS DE MEMÓRIA ENTRE O TEMPO PRESENTE E O PASSADO PRESENTIFICADO: REFLEXÕES SOBRE O CLUBE CAIXEIRAL DE RIO GRANDE//RS

ATALLAH, Gianne Zanella¹

Doutoranda em Memória Social e Patrimônio Cultural (PPGMP/ICH-UFPEL/RS)
gizaatallah@gmail.com

GONÇALVES, Margarete Regina Freitas²

Docente pelo PPG em Memória Social e Patrimônio Cultural/ICH/UFPEL e PPG em Ciência e Engenharia de Materiais (UFPEL/RS)
margareterfg@gmail.com

536

Resumo: Enfatizaremos aqui o *Clube Caixeiral de Rio Grande* a partir da análise de um acontecimento registrado e promovido por uma imagem veiculada em jornais e sites, referindo-se ao desabamento de parte do telhado do Clube, no final do mês de março desse ano, tendo como uma pré-discussão a importância da imagem enquanto mediadora desse espaço no tempo. Para tanto, a referida reflexão encontra lastro nas teorias de Vilém Flusser (2013), bem como aciona conceitos de representação (escrita) e memória (leitura) do fato que estagnou no tempo o acontecimento, mas não o esvaziamento da memória de uma coletividade, e que ao mesmo tempo acelera o processo de esquecimento e acomodação quanto aos conflitos de memória de um passado que presentifica-se, e que cria subterfúgios diante de uma contemporaneidade que tem demonstrado dificuldades quanto a aproximação de um passado do qual é a responsável pela sua evolução.

Palavras-Chaves: Clube Caixeiral de Rio Grande – Coletividade - Passado

Abstract: Here we will focus on the Caixeiral Club of Rio Grande from the analysis of an event recorded and promoted by an image conveyed in newspapers and websites, referring to the collapse of part of the roof of the Club at the end of March this year, having such a pré-discussão the importance of the image while a mediator of that space in time. For both, this reflection is ballast in the theories of Vilém Flusser (2013), as well as triggers concepts of representation (writing) and memory (read) the fact that stalled at the event, but not the emptying of a collective memory, and that at the same time speeds up the process of forgetfulness and memory conflicts regarding accommodation of a past that is presentifica, and that creates a contemporary prevarication that have demonstrated difficulties as the approach of a past which is responsible for its development.

Keywords: Caixeiral Club of Rio Grande-Collective-Past

¹ Doutoranda em Memória Social e Patrimônio Cultural (PPGMP/ICH-UFPEL/RS). Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural (PPGMP/ICH-UFPEL/RS - 2011). Especialista em Patrimônio Cultural (ILA-UFPEL/RS-1997). Graduada em História - Licenciatura Plena (FURG/RS-1993). Dirigente do Núcleo de Patrimônio Municipal (Fototeca Municipal Ricardo Giovannini e Pinacoteca Municipal Matteo Tonietti). Professora de História da Rede Municipal - SMED/Prefeitura Municipal do Rio Grande/RS. E-mail: gizaatallah@gmail.com.

² Doutora em Engenharia-área: Ciências dos Materiais (UFRGS/RS - 1999). Pós-Doutorado em Ciência e Engenharia de Materiais (UFRGS/RS - 2007). Docente Associada atuando na Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Curso de Engenharia de Materiais (UFPEL/RS). Docente pelo PPG em Memória Social e Patrimônio Cultural/ICH/UFPEL e PPG em Ciência e Engenharia de Materiais (UFPEL/RS). Orientadora. E-mail: margareterfg@gmail.com.



Introdução

A proposta aqui perfaz um estudo sobre o *Clube Caixeiral de Rio Grande /RS*, a partir da percepção de uma imagem que foi captada após uma desintegração parcial e física do prédio do Clube e que desafia o cotidiano a ser um mantenedor de um processo de memória, e ao mesmo tempo reivindica junto à transformação cotidiana a permanência como um lugar de memória. A partir dessa reinvidicação, pontuamos a relação do objeto com a memória coletiva, e leitura da imagem como referência ao reconhecimento desse patrimônio.

537

1. O objeto entre o presente e o passado *presentificado*

Esse prévio estudo, ressalta o Clube Caixeiral de Rio Grande/RS tomando como base a relação entre uma imagem que coteja uma vista aérea entre o Clube Caixeiral e ao fundo a transformação da paisagem urbana, prédios em um mesmo espaço físico, mas em temporalidades de permanência diferentes. Tal imagem foi capturada após a queda de parte do telhado do Clube, ocorrido no mês de Março de 2014.



Foto: Marcus Maciel - DP Acesso: 1º/04/2014



**Vista Parcial da Rua Marechal Floriano, onde o prédio está localizado.
Acervo Pessoal da Autora (Imagem capturada em 09/09/2014)**

A partir desse fato, percebemos que há um divisor não oficial, mas no imaginário social. Antes o Clube, e agora como prédio que se desintegra. Assim retomamos ao processo de formação, ou seja, qual de fato era o propósito dessa imponência arquitetônica?

O Clube Caixeiral de Rio Grande foi fundado no ano de 1895, e o prédio da Rua Marechal Floriano, entre os anos de 1911 e 1912, sendo inaugurado nesse último. A classe de Caixeiros ao fundar os clubes desejava o fechamento das portas comércio aos domingos e os feriados na parte da tarde (DUARTE, p.04, s/d), além disso, DUARTE (s/d) ressalta que [...] os clubes caixeirais do Rio Grande do Sul fundados na última década do Império, foram incluídos entre as entidades de socorro mútuo. No entanto, é necessário salientar que afora a prestação de socorros, a instrução e a recreação constituíam os objetivos dos clubes (DUARTE, p.03, s/d). Para tanto, estavam alicerçados em uma forma de comunicação interna muito peculiar de cada clube, e em cada cidade.



Enquanto Clube, espaço físico e um dos “lugares de memória” da categoria classista, registrou na linha do tempo social, sua funcionalidade, sua convivência e abrangência que se associavam e dissociavam ao mesmo tempo dos processos a que estavam inseridos, através de uma linguagem simbólica que transcendia o espaço temporal.

A construção da memória não está na mesma linearidade que a vida útil de seu produtor. Enquanto a memória se auto produz através da lembrança daqueles que vivenciaram e daqueles que tomaram conhecimento dessa lembrança, a vida útil do seu produtor não consegue explicitar a extensão dessa memória, pois ela avança um campo de abstração muito acelerado, pois está condicionada a memória daqueles que não a vivenciaram. E isso se reporta claramente ao nosso objeto. Enquanto clube social atravessou o final do século XIX, todo o XX e sucumbiu a modernidade nos anos 2000.

Enquanto espaço e vestígios da memória, desde os anos 2000, remete a um desafio de como entender essa memória. Percebemos que o registro (máquina de escrita), enquanto produtor de texto e imagem (máquinas de leitura), ressignificam o valor dessa memória. Se antes tínhamos modos de fazer, ou seja, as sociabilidades dentro do Clube (festas, encontros familiares, encontros administrativos, entre outros) e fora do clube, hoje o valor simbólico agrega-se a uma estrutura distante de sua funcionalidade. Sucumbiu a memória daqueles que não a vivenciaram, mas que tem a intenção de recriar abstratamente através dos “lugares de memória”, monumentalizando o espaço, mas não suas práticas, e que ao deparar-se com as adversidades, embarcam em relações de poder, que tem um ou não um interesse nessa rememoração.

No que concerne à avaliação do patrimônio, o importante é entender a própria prática com relação ao passado, o modo de redirecionar o cuidado com essa identidade, mas sem esquecer que o patrimônio, não é o que ficou para trás, mas sim a identidade do conjunto em si.

Para isso é importante perceber dois aspectos essenciais ao que nos refere Poulot

a atitude patrimonial compreende dois aspectos essenciais: a assimilação do passado, que é sempre transformação, metamorfose dos vestígios e dos restos, recreação anacrônica; e a relação de fundamental estranheza estabelecida, simultaneamente, por qualquer presença de testemunhas do tempo remoto na atualidade (POULOT, 2009:14).

Essa metamorfose que se deve entender tanto para os vestígios, quanto para os testemunhos, nos mostra também que as ações patrimoniais mudam de acordo com as expectativas do contexto ao qual está inserido. Quando falamos expectativas, entenda-se que



não estamos falando em suposições do que deverá ser feito, mas em expectativas do real, do concreto, do que pode ser feito de fato.

O trabalho do pesquisador de um modo geral enfrenta o desafio de quebrar a trajetória da história, com relação à ação do monumento/documento, Jacques Le Goff, nos coloca essa postura

A história, na sua forma tradicional, dedicava-se a “memorizar” os *monumentos* do passado, a transformá-los em *documentos* e em fazer falar os traços que, por si próprios, muitas vezes não são absolutamente verbais, ou dizem em silêncio outra coisa diferente do que dizem; nos nossos dias, a história é o que transforma os *documentos* em *monumentos* e o que, onde dantes se decifravam traços deixados pelos homens, onde dantes se tentava reconhecer em negativo o que eles tinham sido, apresenta agora uma massa de elementos que é preciso depois isolar, reagrupar, tornar pertinentes, colocar em relação, constituir em conjunto (LE GOFF, 2003:536).

Mas cabe lembrar que a história condicionada ao seu tempo, é escrita por várias perspectivas, de acordo com o meio e somente a quem interessa, será lembrada. O passado é “escravo” de si mesmo, pois os olhares construídos e concebidos estigmatizam-se em suas próprias verdades, e conflituam-se ao tratar da sua desmistificação. Questionar a verdade tida como absoluta, é pôr em evidência a veracidade não dos fatos, mas das fontes que assim a eternizaram.

Segundo Walter Benjamin, em 1940 em suas teses: “*Sobre o conceito da História*”, declara “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘tal como ele propriamente foi’. Significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela cintila num instante de perigo” (GAGNEBIN, 2006:40). Ou seja, esse interesse recai do mesmo modo como é percebido a materialidade e a imaterialidade patrimonial, assim essa percepção está condicionada aos interesses de quem reivindica-o como seu.

2. O Objeto e a Memória Coletiva

A produção do cotidiano que é permissiva aos lugares de memória, ou seja, lugares que remetem a uma coletividade e que projetam um sentido contrário tornam-se lugares de sofrimento. Pois desintegram a coletividade, o processo histórico no qual ela está remetida, mas que o presente não consegue incorporá-lo não como paisagem, mas como rememoração dessa coletividade.



Analisar um espaço, onde as práticas dessa coletividade foram comprovadamente aprimoradas no processo de relações interpessoais, mas não memoriais, cria-se subterfúgios para entender o quanto a memória está remetida de abstração, mas não de identificação, ou seja, enquanto vestígios e pessoas que em algum momento conviveram com o processo de atuação, a memória sobrepõe-se, mas a abstração amplia-se, pois quando há o processo de esvaziamento. Da materialidade, promove-se um conflito de identidade social.

Importante ressaltar que não podemos confundir memória coletiva e memória histórica. Com relação à memória histórica, Maurice Halbwachs nos diz “guarda principalmente as diferenças - mas diferenças ou as mudanças marcam somente a passagem brusca e quase imediata de um estado que dura a um outro estado que dura” (HALBWACHS, 2006:132).

Assim, quando propomos a especulação de uma imagem capturada, não no momento ocorrido do fato, e que tão pouco privilegiou a ação de defesa promovida, ela está substantiada por significados, esses que se mantiveram do passado, e que conflituam-se entre o presente e o futuro, bem como sob a ideia do que pode significar os destroços. Como nos ressalta Flusser, “as imagens são mediações entre o homem e o seu mundo que para ele, se tornou imediatamente inacessível” (FLUSSER, 2013: 142). Quando a imagem torna-se mediadora, acreditamos que o homem não percebeu que está perdendo o controle dos vestígios do espaço no tempo, e que concomitante fortalece uma memória, supostamente perceptível e intocável.

A contemporaneidade traz à tona, outra questão, a valoração da imagem e do texto, a partir da banalização do trato documental enquanto imagem, nesse caso a fotografia, e que segundo Flusser,

o propósito das imagens é dar significado ao mundo, mas elas podem se tornar opacas para eles, encobri-los e até substituí-los. Podem constituir um universo imaginário que não mais faz mediação entre o homem e o mundo, mas ao contrário, aprisiona o homem. (FLUSSER, 2013: 143)

Seguindo a lógica do autor, nesse caso específico, é o texto da própria memória, uma *micro* memória que busca encontrar no presente o valor do passado, o simbolismo das práticas, dos lugares e das pessoas que ali passaram e perpassam diariamente, agora na sua ausência. Ou seja, aquilo que a câmera capturou é a representação dos vestígios, mas não da memória, enquanto objeto, pois o seu grupo produtor, os classistas caixeirais já se dissociou na temporalidade entre o passado e presente.

Quanto à imagem, esta representa muito mais do que simplesmente aquilo que capturou, pelo fato do fotógrafo ter um interesse no ato, completamente distanciado de uma releitura de



um “lugar de memória”. De acordo com as ideias de Flusser, toda a imagem (cena) parte de uma linha (texto), *ela “explica” a cena na medida em que enumera clara e distintivamente cada símbolo isolado. Por isso a linha (o “texto”) significa não a circunstância diretamente, mas a cena da imagem, que, por sua vez, significa a “circunstância concreta”* (FLUSSER, 2013). O sentimento de abandono está implícito na foto, mas quando falamos de “abandono”, precisamos entender que o começo da linha e imagem, como nos fala Flusser, estamos nós, somos os responsáveis pela existência e manutenção desse processo.

A imagem de um prédio pomposo que representava o seu tempo, e parte de um grupo da sociedade, permanece com essa mesma representatividade diluída no próprio espaço temporal, pois não tem mais a sua presença de um grupo na sua totalidade nem tão pouco, os vestígios que sustentam essa memória.

Ao percebermos essa imagem, que foi reproduzida, apontamos alguns pressupostos:

1. Reproduzir a mesma imagem, como forma de comunicar somente o fato; cria na sociedade ou estimula-a entender o seu comprometimento com o passado?
2. A reprodução, além de comunicar o fato, estimula a comunidade a repensar o seu papel enquanto sujeito de seu próprio patrimônio?
3. A conjunção da imagem, e das mídias que produzem uma mensagem, acabam por tornar-se *anti-códigos* da memória, pois a significação da memória individual ou coletiva está no abstrato que seria seus próprios subterfúgios?

Essa relação memória-história está no processo de identidade de um grupo, e que precisa ser revisto quanto ao seu entendimento, pois quando FLUSSER ressalta que *“com a invenção da escrita começa a história, não porque a escrita grava os processos, mas porque ela transforma as cenas em processos: ela produz a consciência histórica”* (FLUSSER, 2013). Essa consciência que se define a partir de uma “estrutura social” vista como forma ou organização, mas que ainda não tem um consenso sobre a medida dessa forma, o que segundo BOURDIEU (2005) manifestam propriedades que resultam de sua dependência relativamente à totalidade.

Quando percebemos que a imagem é uma mediadora entre o presente e o passado, contrapomos o que André Parente nos coloca, registrando,

vivemos num mundo onde tudo circula. Tudo deve circular o mais rapidamente possível: os veículos, os enunciados, as imagens, as informações, os homens. No entanto, tudo parece estar no lugar, todas as diferenças se anulam tudo se tornou intermutável. Os homens fazem viagens imóveis, como



se eles mudassem de lugar para evitar uma mudança de “clima” (PARENTE, 2011:17).

Essa circulação do qual falamos da imagem, remete muito mais a percepção da informação do que aos vestígios propriamente ditos, ou seja, a fotografia veiculada talvez não esteja mais disponível na rede <http://www.clicsul.net/portal/sul-telhado-do-clube-caixeiral-de-rio-grande-desabou-neste-sabado-29/>, mas o prédio continua desintegrando-se no mesmo local. A imagem que restou, certamente, serve como captura de um espaço no tempo, um momento que não se repetirá mais. Torna-se assim um processo de memória não vivenciado, mas vivido todos os dias pela abstração de sentido.

3. Para quem de fato Para “quem” o Clube Caixeiral de Rio Grande desabou?

Partindo do princípio, em que o Clube Caixeiral de Rio Grande, assim como os outros clubes localizados em outras cidades, os próprios “lugares de memória”, que se associavam e dissociavam ao mesmo tempo dos processos a que estavam inseridos, através de uma linguagem simbólica que transcendia o espaço temporal.

Quando propomos a especulação de uma imagem capturada, não no momento ocorrido do fato, e que tão pouco privilegiou a ação de defesa promovida no momento, ela está substanciada por significados, esses que se mantiveram do passado, e que conflituam-se entre o presente e o futuro, perguntamo-nos: como a sociedade reagiu? Como ela faz a releitura desse desgaste da memória?

Se fôssemos apenas definir memória, a partir do pensamento de Bergson, entenderíamos *que o passado não pode ser pensado como um antigo presente. Ele está associada ao lado subjetivo do conhecimento, sendo conservado autônomo e por inteiro* (BERGSON, 2006).

A memória tendo o seu lado subjetivo nos possibilita criar diversos caminhos para a construção do saber. A relação com o documento perfaz da objetividade exposta na informação escrita, uma significação cultural que está implícita ao olhar do pesquisador.

Segundo Jacques le Goff “os materiais da memória podem apresentar-se sob duas formas principais: os monumentos, herança do passado, e os documentos, escolha do historiador” (LE GOFF, 2003: 526). Se a memória apodera-se dessas formas, e faz desaparecer-se o quanto estagnamos a sobrevivência das memórias, pois ao delimitarmos dois pontos distintos corremos o risco de não aceitarmos as variantes dessas formas.



O trabalho do pesquisador de um modo geral, enfrenta o desafio de quebrar a trajetória da história, com relação à ação do monumento/documento, Jacques Le Goff, nos coloca essa postura

A história, na sua forma tradicional, dedicava-se a “memorizar” os *monumentos* do passado, a transformá-los em *documentos* e em fazer falar os traços que, por si próprios, muitas vezes não são absolutamente verbais, ou dizem em silêncio outra coisa diferente do que dizem; nos nossos dias, a história é o que transforma os *documentos* em *monumentos* e o que, onde antes se decifravam traços deixados pelos homens, onde antes se tentava reconhecer em negativo o que eles tinham sido, apresenta agora uma massa de elementos que é preciso depois isolar, reagrupar, tornar pertinentes, colocar em relação, constituir em conjunto (LE GOFF, 2003:536).

A história sempre se auto determinou por ser narrativa, pois a sua primazia está no selecionar, organizar e minimizar o “tempo”, em um espaço pequeno, como um livro que relata muitos séculos, milênios... em páginas contadas. Mas não podemos esquecer que há uma diferença entre o “vivido” e a “narrativa”, ou seja, no 1º, é o nível de importância das pessoas envolvidas em um determinado acontecimento, enquanto que no 2º, existe a limitação do contexto, pois se fundamentou através de indícios.

Transcrever a história de uma entidade classista, não garante a proximidade dos fatos mais relevantes do grupo, apenas redireciona a materialidade e a imaterialidade a processo menos agressivo de esquecimento.

Importante ressaltar que não podemos confundir memória coletiva e memória histórica. Com relação à memória histórica, Maurice Halbwachs nos diz “guarda principalmente as diferenças - mas diferenças ou as mudanças marcam somente a passagem brusca e quase imediata de um estado que dura a um outro estado que dura” (HALBWACHS, 2006:132). Ou seja, adiamos falsamente os conflitos de memória e nos tornamos desconhecidos dos lugares para a memória.

A coletividade, enquanto Memória que compõe um mesmo espaço deve contar sua história através não só do material, mas do imaterial, e a fragmentação de ambos pode propiciar espaço para a monumentalização, fato preocupante, pois acaba por conceber ícones, no caso da materialidade, completamente distinto do contexto a ser resgatado, reforça-se assim a complexa trajetória entre presente e passado.

Quanto ao aspecto político para nós, fica claro que o passado e o presente estão estruturados em uma relação de poder que se apoia na moralidade patrimonial, ou seja, qual a



relevância de um grupo econômico que já se dissipou no tempo? Como ele se resalta dentro da sociedade? A quem interessa cuidar o espaço físico que sobrou?

Constatamos também que a maioria das vezes para um grupo que não faz parte da coletividade a ser preservada, e sim um grupo que tem interesse em gerenciar o passado, como um trunfo ideológico, como se o passado precisasse ser “salvo”, e diferentemente disto, ele precisasse ser conduzido ao seu lugar, à revitalização da memória que tem uma identidade construída anteriormente, e que tenha força para estruturar-se como um suporte de tempo, mas sem criar limites entre o presente e o passado.

Constatamos que a coletividade incorporou a sua visualidade o conflito, e na maioria das vezes não reconhece esse conflito, pois não houve um preparo para essa mudança. A materialidade com o tempo desintegrou-se, e novas camadas memoriais surgiram agrupadas e confirmadas por novas materialidades.

Entender a “destruição” do patrimônio de uma entidade classista suscita o entendimento de destruição do seu entorno evolutivo, o espaço público e privado que desintegraram- e foram apropriados por outros novos processos. E aqui fica a pergunta: *A quem interessa o desabamento do Clube Caixeiral de Rio Grande?*

Considerações Finais

Podemos previamente concluir que as mídias criam subterfúgios que não interrogam o cerne de importância do fato, e nesse caso, da imagem. Concluímos que as leituras dos fatos, não raras às vezes, são resultados do imediatismo, onde a insistência pelo descompasso dos conceitos aos quais está agregada a existência do que se retrata em uma imagem, sugere descaminhos, ou seja, o fato do desabamento dirige-se muito mais a comunidade de um modo geral, do que aos órgãos competentes, ou entenda-se que cada grupo expressa a sua vontade e permissão para atuar, mas isso não deve estar dissociado do restante do processo de identidade de um grupo.

Cabe aqui demonstrar que ao desenvolvermos esse trabalho, construiu-se um desafio, *que é entender como as mídias que tem uma vida tão acelerada, tratarão da releitura e entendimento do passado e da memória?*



A sociedade passa por momentos na contemporaneidade, onde tudo é muito rápido, a informação, os registros, as lembranças, a assimilação, e principalmente a relação de pertencimento para com o todo.

Não conseguimos nos entender como “seres” dentro de um processo de construção, e com essa dificuldade, como podemos entender o passado, como podemos entender o significado de entidades de classe, que não significaram apenas evolução econômica na cidade de Rio Grande, mas o seu significado como formadora de valores sociais, círculos familiares, costumes, imprensa entre outras questões.

O distanciamento do que entendemos por “pertencimento” é o principal vilão no que concerne o passado e toda a materialidade ainda existente, pois estes são os evocadores de memória, são eles que conjugam o passado em espaços temporais diferenciados, e essa negação dificulta ao passado encontrar o seu lugar, o que o torna presentificado, mas relegado a um segundo plano.

E a mídia, é um processo acelerador, registra, mas desintegra rapidamente. Como então provocar a mídia a ser menos instantânea e mais ativa na própria relação de poder que existe entre a comunicação e os documentos?

Como processar essa assimilação do passado, e prolongar esse registro para que tenha mais discussão, mas projeção e mais interrogações?

Concluimos que a trajetória que nos leva ao futuro, é a mesma que nos traz do passado, ou seja não entendemos a sociedade ainda como um todo, portanto não entendemos a relação de grupos de classes com a valoração devida a nossa evolução histórica e patrimonial, e isso aumenta a estranha relação de poder e o nosso distanciamento patrimonial.

Referências

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. Tradução: Paulo Neves. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. Organização e seleção Sergio Micelli. 6ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. *O Poder Simbólico*. Tradução: Fernando Tomaz. 10ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.



DUARTE, Paulo César Borges. *A Fundação e os objetivos dos Clubes Caixerais no RS – 1879 a 1890.* Disponível: http://www.ufpel.tche.br/ich/ndh/downloads/Volume_06_Paulo_Cesar_Borges_Duarte.pdf Acesso em 22/12/2008.

FLUSSER, Vilém. *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação.* Organizado por Rafael Cardoso. Tradução de Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva.* Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória.* Tradução: Bernardo Leitão et al. 5ª edição. 2ª reimpressão. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

MACHADO, Arlindo. *Máquina e Imaginário: O Desafio das poéticas tecnológicas.* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

PARENTE, André (Org.). *Imagem Máquina.* Rio de Janeiro: Editora 34, 2011.
<http://globov.globo.com/rbs-rs/rbs-noticias/v/predio-do-clube-caixerai-em-rio-grande-rs-nao-tem-previsao-de-restauracao/3253586/> - vídeo, acesso em: 02/04/2014.

PELEGRINI, Sandra C.A.; FUNARI, Pedro. *O que é patrimônio cultural imaterial.* São Paulo: Brasiliense, 2008.

_____. Patrimônio histórico e cultural. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

POULOT, Dominique. *Uma história do patrimônio no Ocidente.* Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

_____. *Um Ecossistema do Patrimônio.* In: CARVALHO, C. S. de; GRANATO, M; BEZERRA, R. Z; BENCHETRIT, S. F. (Orgs.). *Um Olhar Contemporâneo sobre a Preservação do Patrimônio Cultural Material.* Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2008.

<http://defender.org.br/noticias/nacional/rio-grande-rs-sem-telhado-clube-caixeiral-aguarda-restauro/>

http://www.diariopopular.com.br/tudo/index.php?n_sistema=3056&id_noticia=ODE1NzY=& acesso em: 02/04/2014

<http://www.clicsul.net/portal/sul-telhado-do-clube-caixeiral-de-rio-grande-desabou-neste-sabado-29/> acesso em: 02/04/2014.

<http://globov.globo.com/rbs-rs/rbs-noticias/v/predio-do-clube-caixerai-em-rio-grande-rs-nao-tem-previsao-de-restauracao/3253586/> - vídeo, acesso em: 02/04/2014